



**Revista do Programa de Estudos Pós-Graduados em Literatura e
Crítica Literária da PUC-SP**

nº 35 – dezembro de 2025

<http://dx.doi.org/10.23925/1983-4373.2025i35p22-41>

**Uma viagem insólita na imprensa do século XIX: fantástico e
materialidade em “Uma excursão milagrosa”, de Machado de Assis**

**An unusual trip in the 19th century press: the fantastic and materiality
in “A miraculous excursion” by Machado de Assis**

*Lúcia Granja**
*Everaldo Rodrigues***

RESUMO

Este artigo analisa o conto “Uma excursão milagrosa” (1866), de Machado de Assis, narrativa insólita (Garcia, 2012) publicada originalmente em uma seção dedicada a relatos de viagens no *Jornal das Famílias*. Ao considerar a relação entre viagem e imprensa no século XIX, propomos que esse texto pode ter o seu caráter insólito ampliado, ao estendermos o olhar para a materialidade do veículo, já que o suporte original de publicação de um texto age efetivamente em sua recepção, promovendo ou guardando uma leitura implícita (Chartier, 1996). Analisando tanto a materialidade da revista quanto o diálogo do conto com os textos que compuseram a mesma seção de viagens — mistos entre ficção e não ficção —, propõe-se que essa narrativa fantástica gera uma perturbação da ordem da leitura e desnaturaliza o suporte ao testar os limites daquele espaço periódico de viagens habituais.

PALAVRAS-CHAVE: Literatura fantástica; Literatura e imprensa; Suporte; Insólito; Narrativas de viagem

ABSTRACT

This article analyzes the short story “Uma excursão milagrosa”, by Machado de Assis, an unusual narrative (Garcia, 2012) originally published in a section dedicated to travel reports in the *Jornal das Famílias*. By considering the connection between travel and the press in the 19th century, we propose that this text can have its unusual character extended by looking at the materiality of the vehicle, since the original publication medium of a text effectively acts on its reception, either promoting or maintaining an implicit reading

* Universidade Estadual de Campinas – UNICAMP, Campinas-SP; Instituto de Estudos da Linguagem, Departamento de Teoria Literária; Programa de Pós-Graduação em Teoria e História Literária — Campinas – SP — Brasil — lgranja@unicamp.br

** Universidade Estadual de Campinas – UNICAMP; Instituto de Estudos da Linguagem; Programa de Pós-Graduação em Teoria e História Literária; — Campinas-SP — Brasil — everaldorodriguesdasilvajunior@gmail.com



**Revista do Programa de Estudos Pós-Graduados em Literatura e
Crítica Literária da PUC-SP**

nº 35 – dezembro de 2025

(Chartier, 1996). By analyzing both the materiality of the journal and the short story's dialogue with the texts that made up the same travel section — a mixture of fiction and non-fiction — the proposition is that this fantastic narrative generates a disturbance in the narrative order and denaturalizes the medium by testing the limits of that usual periodical travel space

KEYWORDS: Fantastic literature; Literature and press; Support; Unusual; Travel reports

1 Um conto insólito: questões de teoria e de crítica literária

Ao desenvolver a trajetória teórica do termo “insólito”, Flavio García (2012, p. 23-24) afirma que a manifestação daquilo que é tido como não habitual, inesperado, imprevisível ou surpreendente na narrativa tem como função estruturar as diretrizes “[...] ficcionais que dão sentido à construção do modo discursivo ou do gênero literário fantástico, implicando as necessárias inter-relações de produção e de recepção do construto ficcional”. Em outras palavras, o fantástico não existe sem o insólito. Sua afirmação abre espaço para uma questão: quais efeitos seriam produzidos ao se investigar a produção e a recepção da narrativa, no âmbito do insólito ficcional? Como essa manifestação do insólito pode ser entendida do ponto de vista do ato de leitura? (Iser, 1996).

A recepção contemporânea a um texto do século XIX pode ser tão escassa que, ao longo do tempo, aquelas que se constroem se tornam, de um ponto de vista histórico rigoroso, anacrônicas. Dialogando com as teorias da Recepção e do Efeito Estético, Roger Chartier (1996) reconhece a importância da consideração do(s) leitor(es) na produção de sentidos, mas alerta para o risco da análise das leituras independentemente das práticas e das materialidades, o que limitaria recepções possíveis do texto, do ponto de vista da história cultural. Nesse caso, a partir da análise dos suportes originais de publicação dos textos, objetos que podem trazer, em suas páginas, vestígios de uma leitura pressuposta pelo autor, mas, também, pelos agentes do texto, o historiador destaca que a organização material permite não só uma nova legibilidade, em relação àquela pretendida pelo autor, mas um “novo horizonte de recepção” (Chartier, 1996, p. 96-97).

A partir desses pressupostos, tentaremos compreender como um texto fantástico, escrito pelo mais consagrado dos escritores brasileiros do século XIX, pode abrir um diferente horizonte de recepção e legibilidade dentro de seu suporte de publicação original. O conto “Uma excursão milagrosa”, que Machado de Assis publicou no *Jornal das Famílias* em abril e maio de 1866, traz dois narradores: o primeiro, em 3ª pessoa, abre e apresenta a narrativa, enunciando duas ideias que, sem deixar de falar sobre o gosto pelas viagens, comentam também algumas formas da imprensa da época: “Viajar é multiplicar-se”¹; “Ora, com todo este gosto pelas viagens, ainda assim eu não desejaria

¹ Todas as referências ao conto foram extraídas de: ASSIS, Machado de. Uma Excursão Milagrosa. In: ASSIS, Machado de. SENNA, Marta de (ed.). **Contos na Imprensa** — Fase 1 (1858-1867). Disponível em: <https://machadodeassis.net/texto/uma-excursao-milagrosa/35596>. Acesso em: 25 set. 2025.

fazer a viagem do herói desta narrativa”. Ambas aparecem em uma espécie de prólogo à história de que se tratará — esta sim, narrada em 1ª pessoa por Tito, um poeta que nos revela ter feito uma viagem, no mínimo, insólita.

Esse conto, assinado sob o pseudônimo “A.”, é a segunda versão de “O país das quimeras (conto fantástico)”, narrativa publicada na revista *O Futuro*, em novembro de 1862. A reescrita do texto é apontada por José Galante de Sousa em 1955, que identifica, em nota ao capítulo “Pseudônimos”, da *Bibliografia de Machado de Assis*, a ausência de dois pseudônimos do escritor no capítulo: “Max”, com o qual assinou “[...] cinco contos, no *Jornal das Famílias*, de 1866 a 1873” (Sousa, 1955, p. 35), e “A.”, com o qual assinou apenas “Uma excursão milagrosa”.² Na nova versão, algumas modificações foram feitas e o referido prólogo é a principal delas, paralelo ao artifício da alternância de vozes narrativas, além da inserção de um personagem filósofo que faz um discurso no meio da narrativa. Como se verá, tais adaptações, sobretudo as referências iniciais a viagens, servem à criação do ambiente verossímil para a viagem maravilhosa — por isso insólita, pois incomum e surpreendente — que o conto desenvolverá, uma vez que toda a gente viaja e isso corresponde a um gosto do tempo, que as rubricas de viagem e mesmo os jornais de viagem correspondem a uma realidade cada vez mais presente e crescente na imprensa da época e que a reelaboração do conto de 1862 ocupa, no *Jornal das Famílias*, justamente o espaço da seção “Viagens”.

Em *Vida e obra de Machado de Assis*, Raimundo Magalhães Jr. (2008, p. 11) expressa uma opinião sobre os contos que o Bruxo do Cosme Velho publicou no *Jornal das Famílias* em 1866: ele os considera “[...] obras apressadas, de um autor sem tempo para dar melhor forma a seus escritos [...]” e que, por essa razão, teriam sido desprezados por Machado quando ele trabalhava na composição de seus livros de contos. Sem desconsiderar a importância do trabalho de Magalhães Jr., inclusive operando a recolha de textos esquecidos de Machado, atualmente, é o próprio comentário que nos soa apressado. O biógrafo avalia os méritos literários desses textos do ponto de vista de quem já conheceria a “maturidade” do escritor. À época em que escreveu, sua crítica não poderia considerar como as condições de produção, o contexto literário e o suporte de publicação afetaram profundamente os contos e alteraram sua recepção e interpretação.

² A presença da menção em nota é justificada devido à adiantada “composição tipográfica deste volume” (Sousa, 1955, p. 35), indicando uma descoberta tardia do pseudônimo, como sugere Mello (2007). Isso explica a ausência de menção ao texto no capítulo “Colaborações”, entre os textos lançados no *Jornal das Famílias*, ainda que “Uma excursão milagrosa” apareça no “Índice cronológico” — na página 420 — e no “Índice alfabético” — na página 731.

Do ponto de vista da Recepção e das materialidades, buscamos entender como esse texto não é “apressado”, mas, sim, um trabalho que revela muito sobre as tensões criativas de Machado de Assis e sobre as dinâmicas de leitura do século XIX.

A reescrita da narrativa do poeta Tito em sua viagem ao País das Quimeras, guiado por uma bela fada, só veio a ganhar as páginas dos livros no ano seguinte ao do lançamento de *Bibliografia de Machado de Assis*, na coletânea *Contos Recolhidos*, organizada por Raimundo Magalhães Jr. No prefácio, ele afirma, entre outras coisas, que “‘Uma excursão milagrosa’ representa um reaproveitamento da narrativa ‘O país das Quimeras’, publicado como sendo um ‘conto fantástico’” (Magalhães Jr., 1986, p. 15); que a tardia descoberta do pseudônimo “A.” justifica que “O país das Quimeras”, e não “Uma excursão milagrosa” — “versão definitiva” da história, segundo o biógrafo —, apareça no segundo volume das *Relíquias de Casa Velha*, lançado em 1953 pela W. M. Jackson e organizado por Lúcia Miguel Pereira e Afrânio Peixoto; e que as alterações feitas pelo autor são acréscimos “necessários, sem dúvidas, à divisão do trabalho em dois folhetins” (p. 15), estratégia que obrigaria leitores e leitoras a buscar a continuação no número seguinte.

“Uma excursão milagrosa” reaparece em outras publicações póstumas, como na *Obra Completa*, organizada por Afrânio Coutinho e publicada pela Nova Aguilar em 1959 — assim como nas reedições posteriores —, e em lançamentos mais recentes, como a reunião em três volumes intitulada *Todos os contos*, lançada pela Nova Fronteira em 2019 — que, ironicamente, não traz todos os contos. Por alguma razão, mesmo sendo considerado um conto fantástico desde sua matriz, o texto não aparece em nenhuma de suas duas versões no livro *Contos Fantásticos*, organizado pelo mesmo Raimundo Magalhães Jr. e lançado em 1973, ainda que o organizador cite os dois textos no prefácio.

O que essas publicações em livro naturalmente omitem — ou, ainda, o detalhe que o leitor perde ao ler o conto nessas edições — é o fato de que, no suporte original em que foi publicado, nos números de abril e maio de 1866 do *Jornal das Famílias*, “Uma excursão milagrosa” vem precedido de um título em caracteres maiores, “Viagens”, seção da revista presente em várias edições entre 1864 e 1866. No entanto, a publicação do texto fora de seu suporte e, especialmente, desconectada da seção mencionada, transforma seu caráter como narrativa fantástica, uma vez que o vínculo à seção provocaria, como buscaremos demonstrar, uma geração de expectativas diferente no leitor da revista.

A atenção para o papel do suporte na literatura machadiana guiou, nas últimas décadas, trabalhos que revelaram novas camadas em seus romances e contos. No “Conto

Alexandrino”, por exemplo, os textos contemporâneos ao conto nos periódicos reforçam que Machado de Assis se nutria, na escrita de sua ficção, dos efeitos tipográficos, poéticos, retóricos e ideológicos do suporte (Granja, 2018, p. 82). Considerando outros estudos, Daniela Silveira (2010, p. 263) relaciona os contos de *Papéis Avulsos* e *Histórias Sem Data* ao intenso debate midiático acerca da circulação de ideias estrangeiras no cotidiano carioca do fim do século XIX, revelando um escritor que questionava “[...] a leitura que muitos de seus contemporâneos fizeram de autores como Darwin, Spencer e tantos outros homens de ciência de seu tempo”. Samuel Titan Jr. (2009), por sua vez, faz uma leitura da versão de *Memórias Póstumas de Brás Cubas* publicada de maneira seriada na *Revista Brasileira* e, entre outras ideias relativas à recepção, revela o diálogo dos capítulos do livro com os debates ideológicos desenvolvidos dentro da própria revista, além de demonstrar como havia certa indefinição dos gêneros de ficção e de ensaio.

Pesquisadores da literatura fantástica, por muitos anos, passaram ao largo do papel do suporte na constituição dos contos insólitos de Machado de Assis, especialmente quanto à importância das diretrizes de publicação dos periódicos e jornais em que o escritor colaborava, desenvolvendo, por esse motivo, leituras não completamente contextualizadas desses textos. Derivam daí, por exemplo, as ideias de “fantástico mitigado” (Magalhães Jr., 1973), de “fantástico quase-macabro” (Fernandes, 2011) e de “desfantasticização” (Oliveira, 2012), com análises que consideram apenas os textos publicados em livros, ou descolados de seu suporte original. O mesmo acontece em relação à análise das alterações nas duas narrativas. No artigo de Helder Santos Rocha e Valdira Meira Cardoso de Souza (2011, p. 305), avalia-se a inserção de citações a escritores e histórias de viagens que indicam o conhecimento, tanto do narrador quanto do autor, “[...] sobre outras narrativas de viagens como a que ele passaria a contar, naquele momento, exatamente na seção das viagens deste jornal, que era uma espécie de caderno de turismo”. No entanto, eles não examinam a seção específica do *Jornal das Famílias*. Já Mello (2007) o faz e apresenta uma hipótese de leitura: como o nome da seção sugere uma leitura diferente daquela esperada para um texto de ficção, a publicação dessa narrativa representaria uma prática de subversão autoral, com Machado (e consequentemente Garnier, o editor-proprietário do periódico) propositalmente perturbando o tipo de leitura sugerido pela seção. Essa última hipótese poderia ser expandida se houvesse uma comparação do texto de Machado com os outros publicados anteriormente, o que demonstraria que a ficção machadiana funcionou como um desvio do padrão ou, contrariamente, que isso já ocorrera em outros textos.

Recentemente, foi Marcos Túlio Fernandes (2020) quem se debruçou com mais atenção sobre o papel do suporte de publicação na constituição do fantástico machadiano, especialmente nos textos dos primeiros anos de sua carreira, escritos e publicados para corresponder a uma demanda dos leitores por narrativas fantásticas de matriz hoffmanniana, visto que as décadas de 1850 e 1860 foram marcadas por uma inquietação em relação ao fantástico na mídia impressa brasileira, graças à chegada do escritor alemão ao Brasil, via traduções do francês. O pesquisador se baseou na maneira como os suportes de publicação, os periódicos e jornais da época, delimitavam e condicionavam a escrita desses contos fantásticos, impedindo seu mergulho em temas macabros ou violentos, em vista de seu público-alvo. Fernandes (2020, p. 152) afirmou que as alterações feitas de “O país das Quimeras” para “Uma excursão milagrosa” foram necessárias para que se pudesse subordinar a narrativa “à carta-programa do *Jornal das Famílias*”. Derivada de uma possível “dificuldade de encontrar matéria para a seção da revista” (p. 153), a transformação de um texto fantástico em um relato de viagem teria seguido diretrizes editoriais, como a alteração do título — com a supressão do subtítulo “conto fantástico” e o uso de um pseudônimo que ocultasse do público leitor o nome de Machado, que não era exatamente um homem de viagens —, o que faria sentido, mas é bom lembrarmos de que, à época, Machado tinha apenas 27 anos e, na verdade, não se sabia se ele viajaria ou não. Além disso, há a transposição de grande parte da narrativa para o foco em 1ª pessoa — o que corresponderia, por um lado, ao caráter do relato de viagem, que, caso narrado em 3ª pessoa, não pareceria convincente e, por outro lado, ao papel do narrador em 1ª pessoa no conto fantástico, como define Tzvetan Todorov (2017). Vê-se que a leitura que Fernandes faz do conto a partir do suporte permite uma nova abordagem do relato fantástico, principalmente na compreensão de que o conto não atuava de maneira descolada de sua materialidade. Entretanto, a questão da seção “Viagens” como moduladora das expectativas dos leitores desse conto, bem como a presença desse texto em uma seção de viagens, pode ser desdobrada.

2 Periódicos que viajam e viagens em um periódico

No século XIX, a imprensa passou por uma larga expansão, o que teve, como uma das consequências, a eclosão de novos gêneros jornalísticos no corpo dos próprios periódicos (Thérenty, 2007). Esses novos textos eram alocados, o mais das vezes, em seções — ou rubricas — específicas. Nesse contexto amplo de desenvolvimento dos

veículos midiáticos, Sylvain Venayre (2011, p. 485) aponta as profundas relações entre imprensa e viagem desde as origens daquela, já antes do século XIX. Segundo ele, ao “[...] mediatizar um evento que ocorreu em um lugar diferente daquele em que o leitor leu sobre ele, o jornal é em si um viajante e carrega consigo muitas representações da viagem”³.

Paralelamente a essa natureza, as rubricas de viagem, que passam a ser quase obrigatórias nos periódicos do XIX, não tinham ali apenas a função de assegurar o entretenimento, mas abriam uma janela sobre outros espaços e encenavam as mutações do jornalismo e do imaginário coletivo à época. Esses últimos, representações compartilhadas do mundo, são consequência de uma civilização que se criou em torno do jornal e dos periódicos, ou seja, em torno da periodicidade do relato e dos efeitos do fluxo midiático da imprensa sobre a sociedade (Kalifa *et al.*, 2011). Se, por um lado, os leitores podiam seguir “ao vivo” as explorações dos repórteres-viajantes e o relato de viagem se tornava uma leitura de todos, e não apenas dos especialistas que faziam viagens de pesquisa e descobertas a partir de explorações, por outro lado, esses textos ganharam uma nova especialidade por volta de 1860, com a vontade de expansão colonial na Europa, mas, sobretudo, com a afirmação da vocação pedagógica dos relatos de viagem (Venayre, 2011).

Em sintonia com o que faziam periódicos franceses, como o ilustrado *Magasin d'éducation et de récréation*, de 1864, pilotado por Pierre-Jules Hetzel e Jean Macé — revista que abria espaço de excelência para as aventuras narradas por Júlio Verne —, bem como de outros periódicos hebdomadários ilustrados europeus, Garnier fixou a seção de viagens, que teve curta duração, em seu *Jornal das Famílias*, como síntese de algumas de suas funções nos periódicos europeus, mais variados em quantidade e habitados pela viagem desde o século XVIII (Venayre, 2011), portanto, mais especializados naquele espaço. No Brasil, em meados dos anos 1860, essa rubrica praticava informação sobre territórios e lugares específicos, interesse por viagens, finalidade didático-geográfica e, por fim, garantia o espaço para a afirmação da íntima relação entre viagem e imaginação à época, especialmente quando relacionada ao imaginário romântico e nacionalista.

No *Jornal das Famílias*, a seção “Viagens” durou apenas dois anos. Estreou no número de março de 1864, com a narrativa “O convento da Luz em S. Paulo”, que trazia

³ “Médiatisant un événement survenu ailleurs qu'à l'endroit où le lecteur en prend connaissance, le journal est en effet lui-même voyageur et charrie avec lui bien des représentations du voyage”. Tradução nossa.

a assinatura “***”, retornando em agosto, com o texto “Um casamento na roça”, assinado por “Hope”. Em setembro, a seção trouxe o texto “S. João do Rio Claro”, publicado sem assinatura, mas o índice o atribui a “A. E. Zaluar”. Em outubro, o texto é “Um leilão na roça”, assinado por “Achard”. Em novembro, os leitores encontraram “Petrópolis”, assinado por “Stephen”. Finalmente, em dezembro daquele ano de 1864, o texto “O Perão”⁴ foi assinado pelo Padre Francisco Bernardino de Souza — colaborador constante do *Jornal das Famílias* até 1867, seja nas seções de “Romances e Novelas”, seja na de “História” (Coutinho *apud* Silveira, 2005).

Em 1865, a seção continuou aparecendo no periódico, com menos frequência: o texto “As margens do Rio Preto”, também assinado por “A. E. Zaluar”, saiu em duas partes, nos números de janeiro e fevereiro. A mesma periodicidade teve o relato “Uma viagem ao Sul do Brasil”, por “A. F.”, nas edições de abril e maio. “Impressões de viagens — a pedra branca e águas termais”, assinado por “Campos Müller”, aparece na edição de julho. A seção só reaparece no ano seguinte, trazendo justamente “Uma excursão milagrosa” em duas partes, assinado por “A.”. Por alguma razão, esse é o único texto da seção em 1866 e, além disso, o texto que a encerra: ela desaparece das edições do *Jornal das Famílias*, disponíveis na Hemeroteca Digital, a partir de 1867.

Nada a estranhar sobre o caráter ficcional desse e de outros textos do periódico de Garnier, à medida que relatos de viagem, em sua relação porosa entre observação/experiência e criação, tinham largo espaço como material de educação de e conversão desde os anos 1820 em Paris (Venayre, 2011). Além disso, o imaginário da época, conseqüente das possibilidades de deslocamento ofertadas pelo desenvolvimento tecnológico dos transportes e das comunicações, passou a incorporar de modo cada vez mais intenso os temas relativos a viagens e a deslocamentos, de que é exemplo o próprio Júlio Verne. Machado, aliás, no mencionado prólogo ficcional de “Uma excursão milagrosa”, faz com que o narrador discorra sobre o sentido das viagens em geral e sobre viagens relatadas ou literariamente criadas, conforme o fizeram o explorador James Cook, Camões, Poe, Swift, os contos de Sherazade na versão de Antoine Galland, além das viagens sedentárias de Xavier de Maistre e Alphonse Karr.

Já no *Jornal das Famílias*, dos textos que compuseram a seção ao longo de dois anos, é possível constatar, mesmo a partir dos títulos, que, em geral, eles tratam de relatos de viagens pelo Brasil. Como destaca Pinheiro (2007, p. 123), a seção permitiu que os

⁴ Fizemos a atualização ortográfica dos títulos e citações do *Jornal das Famílias*.

leitores e leitoras conhecessem “São Vicente, pelo olhar de Zaluar⁵; e o Convento da Luz, em São Paulo, São João do Rio Claro, Petrópolis e o sul do país, pela descrição de colaboradores que optam pelo anonimato”. Ainda que Pinheiro ignore “Uma excursão milagrosa” como parte da mesma seção em que essas narrativas aparecem, o perfil desses textos imediatamente se diferencia da narrativa em questão por um detalhe importante: nenhum deles compartilha com o texto de Machado de Assis o caráter insólito, embora alguns compartilhem o caráter ficcional. Tomemos alguns exemplos.

“O convento da Luz em São Paulo”, que inaugura a seção, descreve o centro antigo de São Paulo, passando pelo Convento da Luz (ou Mosteiro da Luz, como é conhecido hoje), pelo Rio Tietê e pelo Jardim Botânico. Mais adiante, o narrador introduz uma história supostamente encontrada em um manuscrito, que explica a origem do convento. Das 15 páginas do texto, apenas quatro seriam o relato da viagem feito pelo autor; o restante corresponde ao tal manuscrito. A presença do nome de Frei Galvão ao final da narração deixa subentendido que seria ele o autor desta parte do texto — ou a marca que atesta o que está descrito.

Sabe-se que o recurso ao “manuscrito encontrado” foi e ainda é um procedimento recorrente na narrativa ficcional, estratégia de atribuição de verossimilhança que estabelece “[...] um pacto narrativo entre autor e leitor, pelo qual a atestação de veridicidade pelo autor, evidentemente falsa, é falsamente tomada como verdadeira pelo leitor” (Regina, 2018, p. 52). Ele corresponde, assim, ao interesse do leitor pelo acontecimento real, ao comprovar uma história distanciada no tempo a partir de sua própria existência, ainda que meramente fictícia. Essa camada metanarrativa reforça o caráter verossímil da história ao dar a ela uma base “real”, um ponto de partida físico. Isso permite sugerir que, apesar de seu apelo, o manuscrito de Frei Galvão mencionado por “***”, muito provavelmente, seja fictício.

Segundo exemplo: o texto “Um casamento na roça”, assinado por “Hope”, abre com uma defesa da literatura de temática regionalista, ainda que o autor não use esse termo: “Quando chegar o tempo em que a nossa literatura [...] entrar em uma cena mais desassomburada, estamos convictos que muito partido se deve tirar das cerimônias, dos usos, da originalidade pitoresca do viver íntimo das povoações do interior” (Hope, 1864, p. 232) O narrador sugere que as cenas do dia a dia interiorano seriam mais capazes de

⁵ Utilizamos o dado de Pinheiro, embora a narrativa atribuída a Augusto Emílio Zaluar não tenha sido localizada na rubrica “Viagens” em nossas pesquisas.

surpreender os leitores estrangeiros do que os relatos da capital, semelhantes aos das cidades europeias. No restante do texto, o narrador descreve uma cerimônia de casamento no interior: detalha as paisagens, o senso de comunidade e o afeto das relações sociais; comenta, e condena, a grande diferença de idade entre os noivos; descreve um grande banquete, com cerca de 80 pessoas, elogiando a culinária interiorana. As bênçãos aos recém-casados se estendem aos produtos e ao modo de produção agrícola. Por fim, inicia-se o baile, que o narrador considera superior às desanimadas festas da Corte. O texto encerra-se com uma exortação da vida no campo.

Alexandra Santos Pinheiro (2007, p. 220) considera o escritor português Augusto Emílio Zaluar como o precursor, no *Jornal das Famílias*, das narrativas que “[...] se afastam das cenas cotidianas da corte e retratam a paisagem e a simplicidade dos moradores do interior brasileiro”. Seus textos representariam o projeto de uma literatura brasileira regionalista, tomando como base a experiência de pessoas do interior, o que tornaria desnecessária a inspiração na literatura estrangeira. Uma associação dessas informações poderia sugerir que há grandes chances de a narrativa “Um casamento na roça” ser de autoria de Zaluar (com “Hope” sendo não só um pseudônimo dele, mas também uma representação dessa esperança de uma literatura regionalista), ou mesmo escrita por outro colaborador do *Jornal das Famílias* que compartilhava desse ideal, desse ímpeto de representar as cenas do cotidiano do interior do Brasil, como Reinaldo Carlos Montoro, Léo Junius ou Bernardo Guimarães (Pinheiro, 2007). Ainda que não seja possível afirmar a verdadeira autoria desse texto — diferente do exemplo a seguir —, pode-se dizer que ele carrega um tom narrativo que é menos ligado ao registro de uma viagem e mais à representação de um ideal interiorano.

Terceiro exemplo: em “Um leilão na roça”, o narrador conta sua experiência de assistir ao leilão de uma fazenda de escravos no município de Vassouras, no Rio de Janeiro. O evento tem uma aura “fúnebre” — por representar o desaparecimento dos esforços realizados para a construção daquele “núcleo de trabalho”. Desenvolve-se a noção de propriedade como riqueza absoluta: o texto simboliza isso ao posicionar a mobília da fazenda, os animais e os escravos lado a lado, todos fazendo parte do pregão, “[...] três entidades que se nos ofereciam em espetáculo, e forneceriam assunto largo a quem quisesse filosofar sobre o papel que representam no tráfego social deste país” (Achard, 1864, p. 294). O narrador lamenta o falecido proprietário, um “homem trabalhador” que caiu em desgraça por conta dos credores, cuja respeitabilidade “terminou ao entrar no túmulo”. Os cerca de 80 escravos da fazenda são separados e

vendidos em lotes, resultando em uma breve descrição de familiares se despedindo, uma vez que foram comprados por pessoas diferentes. Por fim, o narrador volta sua atenção a um escravo mais velho, testemunha da fundação da fazenda, que será leilado separadamente. O narrador destaca a sua tristeza, que seria motivada pelo fato de aquela fazenda ser o lugar onde residiam suas “lembranças felizes do passado”. O idoso escravizado é arrematado por quinhentos mil réis e imediatamente libertado pelo seu comprador — o acompanhante do narrador na história, o Sr. Barão de *** —, diante de todos. Ambos vão embora ao fim dessa ação.

“Um leilão na roça” é assinado por “Achard”, pseudônimo sobre o qual não foi possível localizar estudo que esclarecesse quem seria o escritor por trás dele. No entanto, Pinheiro (2007, p. 75, grifo nosso) também nos ajuda a elucidar tal mistério ao escrever como, em 1868, Augusto Emílio Zaluar publicou, pela Tipografia do Diário do Rio de Janeiro, o livro *Contos da roça*, que traz “uma série de contos: ‘O pescador do salto’; ‘O sassy’; ‘Um passeio a S. Vicente’; ‘Um leilão na roça’; ‘O coronel F.’, por meio dos quais Zaluar retrata algumas cenas interioranas”. Uma consulta à obra no catálogo da Biblioteca Nacional⁶ confirma que se trata do mesmo texto, o que permite afirmar que “Achard” é um pseudônimo de Zaluar. Inclusive, a “Advertência” do livro faz sutil menção à seção “Viagens”: “Estes livrinhos são destinados especialmente aos caminhos de ferro e aos viajantes” (Zaluar, 1868, n.p.).

Esses exemplos ajudam a entender que a seção “Viagens” não era necessariamente composta por narrativas de viagens reais, mas sim de viagens verossímeis. No fundo, ou em alguma medida, todas são ficcionais, como vimos indicando ou, ao menos, pela porosidade dos relatos, misturam criação e observação/conhecimento. No primeiro caso, temos a descrição de um local da cidade de São Paulo, mas a ênfase não é a viagem ao convento, e sim sua história e construção; no segundo, o destaque é a construção de um retrato de um acontecimento comum, um casamento, mas na forma como ele se dá nas cidades do interior do estado — quase nos mesmos moldes de dois contos de Machado de Assis, “As bodas de Luís Duarte” e “Um dia de entrudo”; por fim, no terceiro caso, o foco é também a construção de uma imagem de uma cena do cotidiano interiorano, porém, com um apelo abolicionista.

⁶ Agradecemos imensamente a Dayse Conceição, coordenadora do Acervo Geral do Centro de Coleções e Serviços aos Leitores (CCSL) da Fundação Biblioteca Nacional, pelo auxílio na pesquisa a distância.

Mesmo os textos da seção que parecem ser genuínos relatos de viagens não deixam de conter características ficcionais ou de intervenção. O texto de setembro de 1864, “S. João do Rio Claro”, narra a passagem pelo povoado do título, mas seu conteúdo é mais uma reflexão sobre a exploração colonial da natureza e sobre os impactos do que seria uma necessária evolução social. Já “As margens do Rio Preto”, de janeiro e fevereiro de 1865, traz uma mudança de tom drástica: a narrativa de viagem da primeira parte, com descrições da natureza, dá lugar a uma história do nascimento de um amor, quando um dos viajantes do início, um médico, se apaixona pela moça enferma de que está tratando, em uma trama típica das que apareciam na seção “Romances e Novelas” do periódico. No texto “Petrópolis”, de novembro de 1864, a justificativa para a viagem é fugir do clima quente da capital. Nele, destacam-se duas coisas: primeiro, a referência a clássicas histórias de viagens — ponto em comum com “Uma excursão milagrosa” —, como *Itinerário de Paris a Jerusalém*, do francês René de Chateaubriand, *Viagem ao Oriente*, de Alphonse de Lamartine, e a *Viagem à roda do meu quarto*, de Xavier de Maistre; e, segundo, a descrição de uma bucólica cena de pôr-do-sol, com duas crianças loiras e angelicais brincando. Essa cena conduz o narrador à valorização da inocência infantil e da criança como futuro da humanidade, assim como ao pesar gerado pela morte precoce delas.

Por meio desses exemplos, podemos afirmar que o caráter determinante dos textos publicados na seção “Viagens” é menos o de serem narrativas reais, não ficcionais, sobre viagens, e mais o de se desenrolarem como narrações convincentes, apoiadas na realidade, em lugares reais, em acontecimentos cotidianos. A barreira entre ficção e não ficção, nesses casos, é muito tênue e o critério para constar na seção não parece tão rígido. Se os textos são relatos reais ou ficções compostas para entreter as leitoras do *Jornal das Famílias*, isso não parece contrariar o pacto de leitura vigente, ou seja, de que são histórias minimamente calcadas na realidade, que não contrariam, em qualquer grau, a expectativa das leitoras.

O mesmo, todavia, não pode ser dito de “Uma excursão milagrosa”. Seu teor é assumidamente fantástico, graças ao caráter insólito de parte da narrativa, sustentado pelo que Roberto de Sousa Causo (2003, p. 77) chama de “viagem fantástica”, ou seja, uma série de “[...] eventos fantásticos ou maravilhosos, ocorridos dentro de uma progressão no tempo e no espaço, e testemunhada por personagens que tendem a se manter, de um evento a outro”. A viagem de Tito ao País das Quimeras é profundamente marcada pela “irrupção do inesperado, imprevisível, incomum” (García, 2012, p. 14) que define as

narrativas insólitas. Sua excursão se desenvolve a partir da ambiguidade que se apreende de sua percepção de poeta e apresenta sutilmente a possibilidade do sonho, uma vez que, quando a visita da fada acontece, Tito está “com a cabeça encostada nos braços, e estes sobre a mesa”, pensando nos perigos dos diferentes modos de viajar.

A reflexão de Tito, que o narrador em 3ª pessoa descreve também como fantasia, é motivada pela aparente tragicidade de sua situação, rejeitado pela mulher que ama e forçado a vender a autoria de suas poesias para viver. Dois projetos são o resultado de suas reflexões: “O primeiro desses projetos era simplesmente deixar este mundo; o outro limitava-se a uma viagem, que o poeta faria por mar ou por terra, a fim de deixar por algum tempo a capital”. Destacamos que o primeiro deles, que sugere o suicídio, é abandonado de imediato pelo poeta, pela sanguinolência e por seu caráter definitivo, de acordo com o narrador, mas podemos presumir que a atrocidade banhada a sangue já seja resultado da natureza imaginativa de Tito. Para o poeta, é melhor fantasiar soluções do que recorrer definitivamente a uma delas. Resta, enfim, o projeto da viagem, se será por terra ou por mar — e lembramos que Tito não estava tão afortunado assim; prova é que vende seu talento poético. Desse modo, também a viagem por deslocamento físico não segue adiante. Diante dos fatos, porém, uma fada bate à sua porta e o transporta em uma viagem de ares maravilhosos. Podemos inferir que, pelo fato de a ideia da viagem estar em sua mente naquele momento, pode ser, de antemão, que tudo o que iria se passar fosse apenas autossugestão de sua imaginação romântica e fértil. A viagem de Tito nunca se revela como mero fruto de um sonho, entretanto, mantém-se no terreno da ambiguidade até o final da narrativa.

Analisada no contexto de seu suporte e em diálogo com os outros textos publicados na seção “Viagens”, o conto de Machado de Assis destaca-se pelo fato de que a viagem empreendida é um evento “milagroso”. Outros adjetivos entram nessa conta: “deliciosa”, “assombrosa”, “pasmosa”. Causo (2003, p. 77) reforça que, em relação a narrativas que trazem viagens fantásticas,

A noção de ‘eventos fantásticos’ ou ‘maravilhosos’ (incluindo a presença de um *destinador* supranatural e de uma transcendência do herói) é o que a separa de outras narrativas de viagens ou de aventuras. A natureza do evento ou fato fantástico ou maravilhoso pode ser divina, demoníaca, ou misteriosa.

A narrativa de Tito traz os dois elementos destacados por Causo. Primeiro, a guia de Tito na viagem, a “sílfiide”, pode ser vista como o “destinador supranatural” — ela é

descrita como “[...] uma criatura celestial, vaporosa, fantástica, trajando vestes alvas, [...] pés alígeros, rosto sereno e insinuante, olhos negros e cintilantes, cachos louros do mais leve e delicado cabelo”, e também é chamada de “fada condutora”. Por fim, em um diálogo com uma das Utopias, Tito descobre que ela é “a loura Fantasia, a companheira desvelada dos que pensam e dos que sentem”, o que reforça a possibilidade da viagem como mera projeção de sua imaginação. Segundo, a “transcendência do herói” pode ser inferida a partir de todo o conhecimento que Tito supostamente ganha quando visita aquele lugar fantástico, pois, ao aprender sobre a “massa quimérica”, ele passa a ser “[...] capaz de descobrir, à primeira vista, se um homem tem na cabeça miolos ou massa quimérica”. Isso, no entanto, parece se tornar o motivo da desgraça do poeta, pois, como descreve o narrador em 3ª pessoa, a partir de então, Tito não resiste ao julgamento da vaidade e “Mal a vê lembra-se logo do que presenciou no reino das Bagatelas, e desfia sem preâmbulo a história da viagem. Daqui vem que se era pobre e infeliz, mais infeliz e mais pobre ficou depois disto”.

O ar irônico do fim da narrativa indica a lição que extraiu o narrador: “Aprendam os outros no espelho deste. Vejam o que lhes aparecer à mão, mas procurem dizer o menos que possam as suas descobertas e as suas opiniões”. Tal moral parece indicar que, afinal, a ruína de Tito veio do fato de sempre recorrer, vaidosamente, a essa história, sem se dar conta do efeito negativo que isso causaria à sua imagem. A presença dessa moral sutil no final da narrativa não parece gratuita, especialmente quando nos lembramos do público leitor do *Jornal das Famílias*, majoritariamente feminino, e de como seu programa era basicamente voltado à veiculação de “normas de boa conduta [...] em especial, para suas leitoras” (Pinheiro, 2004, p. 132).

Essas características, unidas a tudo o que é descrito durante a viagem de Tito, carregam o tom de maravilhamento que, segundo Causo (2003, p. 78), é

[...] a evolução de um princípio que pressupõe a presença de um fato extraordinário interpenetrando a consciência do real e do cotidiano, causando, em alguma medida, o choque entre o que a consciência admite como parte de sua experiência imediata, e esse algo novo que vem desafiar a experiência.

Em outras palavras, a história de Tito, por mais que seja introduzida por um narrador que atesta a veracidade daquela viagem, e por mais que pareça adequada à seção por seu foco narrativo central, é completamente carregada de acontecimentos que desafiam a experiência do leitor, assim como são desafiadas suas expectativas ante um

relato de viagem como aquele, naquela seção e suporte. Nesse sentido, é certo que o texto carrega uma legibilidade implícita, baseada no aparente desacordo entre a seção que o comporta e seu conteúdo. Reaproveitando a sugestão que faz Titan Jr. (2009) sobre *Memórias Póstumas de Brás Cubas*, na *Revista Brasileira*, não seria absurdo afirmar que mais de uma leitora estranhasse ver tal narrativa insólita publicada naquela seção de caráter tão mundano. A viagem publicada naqueles meses de abril e maio de 1866 jamais seria considerada uma viagem real, como as outras da seção poderiam ter sido, porque seu efeito é consequente de marcadores e convenções de gênero que jamais permitiriam que a viagem de Tito fosse considerada verdadeira.

Se um texto literário só produz seu efeito ao ser lido (Iser, 1996), precisamos nos perguntar: qual é a relação entre o efeito possível e a materialidade do texto, em seu suporte original, pertencente a uma seção específica, em uma revista específica, e englobada por um contexto específico? O público do *Jornal das Famílias* já estava familiarizado com a literatura fantástica, especialmente aquela que saía da pena de Machado de Assis e que tinha, segundo Fernandes (2020), uma relação direta com a presença da obra de E.T.A. Hoffmann no país, como apontamos. Uma recepção possível desse texto deve ser compreendida dentro de uma percepção que considere o condicionamento que a organização material da publicação gera, do qual o leitor nem sempre tem consciência. Essa produção de sentido dá-se no cruzamento daquilo que o texto propõe — a ideia verossímil, com um fundo que “é o mais natural e possível deste mundo”, de que um homem viajou para além do nosso planeta levado por um ser mágico — com aquilo que está no horizonte de expectativas do leitor ao abrir a seção “Viagens”, ou seja, deslocamentos por diversos cantos do Brasil.

3 Autoria, edição e subversão em “Uma excursão Milagrosa”

Evidentemente, a inexistente recepção registrada torna impossível determinar como o leitor daquele século — e especialmente as leitoras do *Jornal das Famílias* — teria recebido esse texto, ou mesmo torna difícil precisar qual o efeito gerado. Como reforça o próprio Chartier (1996, p. 103), reconstruir “[...] a leitura implícita visada ou permitida pelo impresso não é, portanto, contar a leitura efetuada e ainda menos sugerir que todos os leitores leram como desejou-se que lessem”. Ainda assim, é possível sugerir que a sobreposição de uma história fantástica em uma seção que, teoricamente, gera uma expectativa de narrativa apoiada no real produz um efeito ímpar de estranhamento, não o

estranhamento típico da experiência de leitura ficcional fantástica, mas outro, conseqüente do deslocamento ou, mais precisamente, da possível subversão que autor e editor fizeram desse horizonte de expectativas, como sugere Mello (2007), mas a partir de uma subversão ela mesma insólita, quando se considera a natureza do relato, com base na oposição entre a equivalência do verossímil e a expectativa da viagem real, a qual é sobreposta à oposição entre ficcional/não ficcional. Desse modo, o texto “Uma excursão milagrosa”, em seu suporte original, produz um efeito duplamente insólito: no primeiro nível, o da estrutura dessa narrativa apresentada por um narrador neutro, conhecedor da literatura e das histórias de viagens, que tenta convencer o leitor da veracidade daquele conto; e, no segundo nível, o da estrutura de uma narrativa impossível, que invade, com seu teor incomum, um espaço destinado ao possível, ao veraz. De certo modo, é como se a inserção da narrativa nessa seção cumprisse o papel marcadamente insólito de um acontecimento absurdo que se desenrola na ordem da leitura, que irrompe na realidade do leitor e não apenas na ordem da realidade ficcional representada.

Presumimos que uma legibilidade possível desse texto se dá a partir do empilhamento de duas ordens insólitas (autoral e editorial) dentro de outra ordem, aquela comum ao contexto de leitura, ou ao reconhecimento do fantástico. Todo esse processo cria uma dramatização do efeito interno do texto extrapolado para o campo da recepção, ainda que momentaneamente. Esse efeito possível teria como ponto de partida quiasmático a vontade autoral e a plasticidade do suporte diante da aquiescência editorial, pois o editor publica um texto desse tipo em uma seção que não comportava, até então, uma narrativa de ares fantásticos. Tudo isso leva-nos à conclusão de que a seção “Viagens” naturaliza o teor absurdo do relato apresentado, enquanto o conto “Uma excursão milagrosa” desnaturaliza a seção ao levá-la a seus limites, ao romper com seu padrão de viagens verossímeis/apoiadas no real.

A subversão empreendida por Machado de Assis e seu editor, Baptiste-Louis Garnier, decreta uma abertura da seção, que, não por coincidência, é interrompida depois desse texto, como apontamos anteriormente. Não haveria mais espaço para viagens comuns depois de uma excursão como aquela? Por meio daquela experiência insólita, é como se os limites das narrativas de viagens tivessem sido ultrapassados, tornando qualquer outra narrativa apoiada no real completamente obsoleta a partir de então. Toda essa empreitada editorial, para além da autoral, relativiza o caráter individual da experiência criativa machadiana. Ana Cláudia Suriani da Silva (2017, p. 34) considera que as revistas de moda em geral, e o *Jornal das Famílias* em específico, foram um espaço

no qual Machado buscou “[...] ganhar experiência e se certificar de sua posição como autor de contos, para se familiarizar com seu público leitor e ao mesmo tempo para garantir uma renda regular vinda de sua ficção”. Se nosso argumento é verdadeiro, aqui, estamos diante de um autor testando individualmente os contornos de sua literatura, mas em conluio com o afrouxamento de limites editoriais.

Quanto à experiência da seção de viagens nos jornais da época, a autoria do escritor e a do editor, cuja relação definimos aqui como “subversiva”, considera, alinhadamente às práticas de escrita e de leitura jornalísticas de então, muito mais que os relatos de viagem, mas a experiência coletiva da construção imaginária da viagem. Ela pode ser ficcional ou não, apoiada no real ou construída como projeção do imaginário artístico, ou de ideologias à época dominantes sobre o real. São compartilhadas representações de mundo, de onde participam a ficção e mesmo o insólito. Viagens de todos os tipos para, como um dia ainda diria Machado de Assis no prólogo à quarta edição de *Memórias Póstumas de Brás Cubas*, toda a gente que viaja: “Xavier de Maistre, à roda do quarto, Garrett, na terra dele, Sterne, na terra dos outros [...] Brás Cubas [...] à roda da vida”.

REFERÊNCIAS

ACHARD [Augusto Emílio Zaluar]. Um leilão na roça. *Jornal das Famílias*, Rio de Janeiro, outubro de 1864. Viagens, p. 290-295. Disponível em:

<http://memoria.bn.gov.br/docreader/339776/417>. Acesso em: 20 nov. 2025.

ASSIS, M. Uma Excursão Milagrosa. *In: Contos na Imprensa — Fase 1 (1858-1867)*. Machadodeassis.net: Referências na ficção machadiana. Coordenação e edição de Marta de Senna, 2021. Disponível em: <https://machadodeassis.net/texto/uma-excursao-milagrosa/35596>. Acesso em: 25 set. 2025.

CAUSO, R. S. **Ficção científica, fantasia e horror no Brasil (1875-1950)**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2003.

CHARTIER, R. Do livro à leitura. *In: CHARTIER, R. (org.) Práticas da leitura*. Trad. Cristiane Nascimento; introdução de Alcir Pécora. São Paulo: Estação Liberdade, 1996.

DA SILVA, A. C. S. Os contos de Machado de Assis nas revistas de moda: levantamento, algumas hipóteses e conclusões. **Machado de Assis em Linha**, v. 10, n. 20, p. 20-41, 2017. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/mael/a/knhGbdmngjn4Wr9yqnkQvXF/>. Acesso em: 25 set. 2025.

FERNANDES, M. J. Machado de Assis Quase-Macabro. **Vernáculo**, v. 3, n. 3, 2011, Disponível em: <https://seer.ucp.br/seer/index.php/vernaculum/article/view/1232>. Acesso em: 23 jun. 2025.

FERNANDES, M. T. **Do Gespenst-Hoffmann ao Bruxo do Cosme Velho**: travessias do fantástico e transformações no Brasil. Cotia, SP: Editora Cajuína, 2020.

GARCÍA, F. Quando a manifestação do insólito importa para a crítica literária. In: GARCÍA, F.; BATALHA, M. C. (org.). **Vertentes teóricas e ficcionais do insólito**. Rio de Janeiro: Editora Caetés, 2012. p. 13-29.

GRANJA, L. **Machado de Assis** — antes do livro, o jornal: suporte, mídia e ficção. São Paulo: Editora Unesp Digital, 2018.

HOPE. Um casamento na roça. **Jornal das Famílias**, Rio de Janeiro, agosto de 1864. Viagens, p. 232-239. Disponível em: <http://memoria.bn.gov.br/docreader/339776/351>. Acesso em: 20 nov. 2025.

ISER, W. **O ato da leitura**, v. 1. Trad. Johannes Kretschmer, São Paulo: Editora 34, 1996.

JORNAL DAS FAMÍLIAS, Rio de Janeiro, 1863-1878. Hemeroteca Digital Brasileira. Disponível em: <https://memoria.bn.gov.br/hdb/periodico.aspx>. Acesso em: 25 set. 2025.

MAGALHÃES JR., R. Seleção e apresentação. In: ASSIS, M. **Contos fantásticos**. Rio de Janeiro: Bloch, 1973.

MAGALHÃES JR., R. Prefácio. In: ASSIS, M. **Contos recolhidos**. Organização de R. Magalhães Júnior. Rio de Janeiro: Tecnoprint, 1986.

MAGALHÃES JR., R. **Vida e obra de Machado de Assis**, v. 2: ascensão. Rio de Janeiro: Record, 2008.

MELLO, K. R. **Machado de Assis leitor de si mesmo**: um estudo a respeito da reescrita de alguns contos machadianos. 2007, 217 p. Dissertação (Mestrado em Letras) — Universidade Estadual Paulista, Assis. Disponível em: <https://repositorio.unesp.br/entities/publication/b9f86dea-6a27-4b68-8b86-6b5cb07e4b55>. Acesso em: 25 set. 2025.

OLIVEIRA, A. S. **A medalha e seu reverso**: fantástico e desfantasticização em contos de Machado de Assis. 2012, 162 p. Dissertação (Mestrado em Estudos Literários) — Universidade Federal de Minas Gerais, Minas Gerais. Disponível em: https://repositorio.ufmg.br/bitstream/1843/ECAP-8Y3H2W/1/aline_sobreira_de_oliveira_disserta_o_final.pdf. Acesso em: 25 set. 2025.

PINHEIRO, A. S. O *Jornal das Famílias* (1863-1878) e as leitoras do século XIX. **Revista Faz Ciência**, n. 6, v. 1, p. 115-135, 2004. Disponível em: <https://e-revista.unioeste.br/index.php/fazciencia/article/view/7404>. Acesso em: 25 set. 2025.

PINHEIRO, A. S. **Para além da amenidade** — O *Jornal das Famílias* (1863-1878) e sua rede de produção. 2007, 279 p. Tese (Doutorado em Teoria e História Literária) —

Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, Campinas.
Disponível em: <https://hdl.handle.net/20.500.12733/1605197>. Acesso em: 25 set. 2025.

REGINA, S. L. Traduzir “falsas” traduções: o manuscrito inventado. **Cadernos de Tradução**, v. 38, n. 3, p. 50-67, 2018. Disponível em:
<https://periodicos.ufsc.br/index.php/traducao/article/view/2175-7968.2018v38n3p50>.
Acesso em: 23 jun. 2025.

ROCHA, H. S.; SOUZA, V. M. C. Uma excursão milagrosa no país das quimeras: uma breve análise do fantástico em contos machadianos. **Fólio – Revista de Letras**, v. 3, n. 2, p. 303-318, 2011. Disponível em:
<https://periodicos2.uesb.br/index.php/folio/article/view/3495>. Acesso em: 25 set. 2025.

SILVEIRA, D. M. **Contos de Machado de Assis: Leituras e leitores do Jornal das Famílias**. 2005, 211 p. Dissertação (Mestrado em História Social) — Universidade Estadual de Campinas, Campinas. Disponível em:
<https://hdl.handle.net/20.500.12733/1599036>. Acesso em: 25 set. 2025.

SILVEIRA, D. M. **Fábrica de contos: ciência e literatura em Machado de Assis**. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2010.

SOUSA, J. G. **Bibliografia de Machado de Assis**. Rio de Janeiro: MEC; INL, 1955.

THÉRENTY, M.-È. **La littérature au quotidien**. Poétiques journalistiques au XIXe siècle. Paris: Editions du Seuil, 2007.

TITAN JR., S. As *Memórias póstumas de Brás Cubas* na *Revista Brasileira*. **Revista Serrote**, 2009. Disponível em: <https://revistaserrote.com.br/2011/06/as-memorias-postumas-de-bras-cubas-na-revista-brasileira>. Acesso em: 25 set. 2025.

TODOROV, T. **Introdução à literatura fantástica**. Trad. Maria Clara Correa Castello. São Paulo: Perspectiva, 2017.

VENAYRE, S. La presse de voyage. In: KALIFA, D.; RÉGNIER, D. P.; THÉRENTY, M.-È.; VAILLANT, A. (org.) **La Civilisation du journal: histoire culturelle et littéraire de la presse française au XIXe siècle**. Paris: Nouveau Monde Éditions, 2011, p. 465-480.

ZALUAR, A. E. **Contos da roça**. Typographia do Diário do Rio de Janeiro, 1868. Disponível no Catálogo da Biblioteca Nacional.

Data de submissão: 24/06/2025

Data de aprovação: 16/07/2025